

Sincero para com Theos

(primeira parte)

Sincere to Theos

(first part)

José Maria Vigil*

Queremos tomar o tema de Deus desde suas origens. Essas origens não são tão longas, nem eternas, como a filosofia tradicional nos levaria a pensar de forma espontânea. Os hominídeos¹, o gênero do qual fazemos parte, só estão neste planeta por volta de uns 6 milhões de anos, e theos, deus, só está conosco, com nossa espécie² *sapiens*, há 7.000 anos. Religiões, apenas 4500³. Vivemos muito mais tempo sem deus do que com deus, sem religiões do que com elas. Até onde achamos saber hoje, é esta nossa espécie que ficou com a bandeira da evolução de um processo de 13.730 milhões de anos, naquele "ponto azul pálido"⁴ ou mancha de poeira que é este planeta, no meio de uma imensidão cósmica que só agora abrimos nossos olhos para contemplar com os instrumentos atuais. Já sabemos que em nosso sistema solar não há seres com vida inteligente⁵, mas hoje acreditamos que estamos prestes a descobrir além desse sistema, a qualquer dia, exoplanetas com presença da vida, que, provavelmente, também poderia ser vida inteligente.

Nesta pequena descrição do cenário a partir do qual queremos começar, já percebemos que temos uma visão hoje muito diferente daquela contemplada pelas oito mil gerações de nossa espécie que nos precederam. Sem sermos muito pretensiosos, poderíamos dizer que elas estiveram muito alheias à realidade do que realmente foram. No que durante milhares de anos foi transmitido de uma geração para outra, elas deram

* José María Vigil é animador da Agenda Latino-Americana, dos Serviços Koinonia, da Coleção Tiempo Axial, e da Comissão Teológica Latino-Americana da EATWOT ou ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo). É teólogo da espiritualidade, da teologia da libertação, do pluralismo religioso e dos novos paradigmas.

¹ Este nome agora é disputado... mas nos referimos, de qualquer forma, ao gênero *homo*.

² Com outras espécies humanas... no momento não sabemos.

³ Essa é a antiguidade atribuída ao hinduísmo, considerado o mais antigo.

⁴ Expressão de Carl Sagan.

⁵ Referimo-nos a uma inteligência como a dos humanos, sem entrar em sua conceituação, sabendo que em um sentido profundo todo o fenômeno da Vida é tendencialmente inteligente, e que não há ruptura de continuidade entre nossa inteligência e a dos outros seres, embora os tenhamos chamado de "inferiores".

conta de si mesmas com uma explicação mitológica, imaginativa, com uma fantasia realmente impressionante; foi também com esse tipo mitológico de explicação imaginativa que nossos anciãos, nossos antepassados, admiravelmente, se alimentaram de inspiração. A aquele tipo de explicação global podemos aplicar o ditado italiano: *se non è vero, è ben trovato*. Elas têm sido "ficções úteis", e muito úteis, que têm conseguido nos tornar bio-evolutivamente viáveis.

Na realidade, nossa espécie só recentemente foi capaz de registrar objetivamente a realidade através da escrita (um pouco menos de cinco mil anos atrás), e é muito menos tempo atrás que este ser humano que somos empreendeu com seus próprios meios uma viagem de volta, de re/flexão, de retorno em seus próprios passos históricos, para descobrir e tentar conhecer e compreender aquele passado que fomos, mas que não lembramos... Como aparecemos? De onde viemos? Quando, como... e mesmo por quê? Dessas origens, de tudo o que fomos e vivemos, obviamente, não herdamos quase nada documentado. Apenas temos intuições, imaginações, suposições... truques de nosso cérebro, não apenas para descobrir a verdade, mas principalmente para tornar possível a nossa sobrevivência⁶; nossas elaborações mostram uma tremenda ignorância "científica" e, simultaneamente" uma admirável sabedoria e criatividade.

Somente nas últimas gerações (a partir a revolução científica do século XVI, o espírito da modernidade, o Iluminismo do século XVIII...), empreendemos uma "viagem de retorno" sem precedentes, uma "re/flexão"⁷ revolucionária em direção àquele passado vivido. Neste momento, já descobrimos arqueologicamente aspectos (muito importantes, sérios, essenciais, decisivos) que não podíamos sequer imaginar em nossa história pré-histórica e pré-científica. Aqui, sem dúvida, é a realidade que ultrapassou nossa imaginação mitológica. Em certo sentido, como é dito popularmente, não sabíamos onde estávamos de pé ou de que parte o vento soprava.

Hoje já sabemos⁸ que não viemos para o planeta de fora, mas de dentro, e que não viemos de cima, mas de baixo. Que não "viemos a este mundo", nem fomos "colocados nele", como temos dito a nós mesmos há milênios; mas que nele surgimos, e dele surgimos. Que não aparecemos no ramo de uma árvore, nem nos cabelos de uma musa,

⁶ Eduard PUNSET, em *Ciência para todos*: "O cérebro não procura a verdade, mas sobreviver": <https://tinyurl.com/yb8c2ls6>

⁷ Não no sentido simples da atividade cognitiva e intelectual, mas em um sentido especular, de espelho, de olhar para nossa imagem refletida, de olhar para nosso passado, de onde viemos, quem somos, e de voltar, tanto quanto possível, com conhecimento às origens, à verdade concreta, além de suposições, intuições ou imaginações: uma reflexão especular cognitivamente reflexiva, em ambos os sentidos.

⁸ E dizemos que o "conhecemos", cientificamente.

nem fomos "criados por Deus" no sentido em que têm pensado muitas tradições religiosas, como criados diretamente por Alguém diferente do mundo, e de fora dele...; mas que viemos do mesmo e único tronco da Vida, que se desenvolveu neste planeta privilegiado, bem localizado na zona de habitabilidade em relação à distância de sua estrela. E que somos parte da família única da Vida deste planeta: todos descendentes da primeira célula, Áries, com todos os seus membros unidos, sem quebra de continuidade, pelos *filum* da mesma e única Vida⁹. Nós somos primatas, não simplesmente "descendentes" deles; somos grandes símios evoluídos. Um ramo que, pela conjunção de fatores climáticos e genéticos complexos, passou por uma evolução no sentido de uma maior encefalização e desenvolvimento consciente. Uma nova etapa do fenômeno da Vida neste planeta "surgiu" nele; com os homínídeos surgiu um conjunto de novas potencialidades: a liberação das mãos, a capacidade craniana, a encefalização, o desenvolvimento do pensamento, da linguagem, da reflexão...

Somos a primeira geração a saber de tudo isso. Duzentos mil anos - toda sua existência - levou nossa espécie a alcançar este autoconhecimento, com todas as limitações atuais ainda. É um novo relato, uma nova perspectiva, que desativa a utilidade das "explicações" anteriores - mesmo que não desabilite sua sabedoria. A partir deste novo cenário, não seria mais possível para nós aceitar essas magníficas elaborações míticas do passado. Elas não cabem mais nas novas coordenadas cognitivas em que estamos reinstalados, devido à própria ampliação do conhecimento: não podemos mais concordar com muitas dessas elaborações que nós mesmos construímos. Elas nos parecem estranhas, inaceitáveis. Nós as recuperamos e as estudamos com imenso carinho, mas como quando um adulto mais velho reencontra seus próprios escritos de adolescência ou infância: um abismo fica entre as duas formas de olhar, mesmo que sejam da mesma pessoa. Mas voltemos a esses inícios.

Inteligência, reflexão, sentido

Não sabemos como isso aconteceu, mas o ser humano desenvolveu o que chamamos de "inteligência", em uma nova modalidade e grau, diferente do que havia sido alcançado até então em outros primatas e espécies. É um conjunto complicado de capacidades e sensibilidades multimodais, que inclui sentimento, percepção, intuição, senso de beleza, capacidade de emoção, amor, dignidade, fruição espiritual de

⁹ Único, porém enormemente biodiversificado ao mesmo tempo.

dimensões e valores quase além da compreensão, como desejos infinitos, mobilizando sonhos, experiências inefáveis, extasiantes, místicas, até mesmo "estados modificados de consciência"... Toda uma "noosfera" multidimensional, complexa, impossível de delimitar todos os seus componentes e dimensões... Não somos especialistas nem fingimos dar uma explicação suficiente sobre o assunto; estamos simplesmente apontando, e o fazemos constar.

Não devemos esquecer o fato elementar de que, neste nível de noosfera, os humanos - o conjunto sucessivo da espécie -, partimos do zero, do primata puro, de sua inteligência animal e de sua ignorância basal. Não viemos com *software* pré-instalado, porque nem mesmo "viemos" de qualquer lugar, de qualquer fábrica, nem fomos colocados neste caminho por nenhum dos inúmeros deuses mitológicos que criaram os seres humanos das formas mais curiosas imagináveis. Não fomos sequer "colocados lá". Não houve momento específico de aparecimento, muito menos de criação, como para aparecer ali já "feitos": "eis aí os primeiros seres humanos". Nós fomos primatas, e ainda somos primatas, que emergiram em uma nova "emergência" ou fase da Vida desta Terra, caracterizada por este conceito global de "inteligência", conceito múltiplo como são poucos.

Desde que surgiu, este primata sentiu uma necessidade irresistível de se aproximar, de abraçar, de compreender a realidade. Inteligência: *intus-légere*, ler por dentro, compreender o interior, ver além do que se vê por fora, ir além da superfície das aparências, descobrir as causas que estão por trás e por dentro. E ele teve que fazê-lo mesmo desde o início, começando do zero, vamos insistir. Começamos com nossas unhas: sem ferramentas, nem físicas nem mentais. Tivemos que fazê-las para nós mesmos, mesmo usando pedras; não, nós não nascemos em um paraíso terrestre. E desde então não deixamos de pensar, repensar, inventar, retrabalhar, reinventar, melhorar, crescer no principal "eixo de acúmulo" de nossa espécie, a inteligência e o conhecimento.

Por ser inteligente, este primata precisou, tanto quanto ar para respirar e água para evitar a desidratação, "explicação" e "sentido". Esta seria uma classificação muito rudimentar, mas expressiva, para agrupar dois grandes tipos de necessidades fundamentais. "Explicação" procura a razão, as causas, a entidade, o conhecimento prático que domina a realidade, aquilo que eu tenho que saber para poder fazer algo que modifique meu entorno. É o campo insondável do conhecimento, do saber, das ciências, até mesmo da filosofia -falado em termos atuais, anacrônico para aquela época. Em

qualquer caso, o ser humano precisa de uma explicação, e se ela não existe ou não pode ser encontrada, ele a cria, a inventa, ou a imagina, com crenças, com mitos ou mesmo com magia.

Por sua vez, a necessidade de "significado" quer partir das explicações corretas, mas na realidade não precisa delas, nem elas sempre o satisfazem: o significado é alimentado com "razões do coração", inexplicáveis, indemonstráveis, não razoáveis neste sentido. É a necessidade de encontrar sentido em nossa existência, de ter um porquê, um para quê, de não se sentir vazio ou esquecido, de sentir que o Universo é acolhedor, não hostil; de sentir um amor e uma paixão que nos impele a viver, e a viver em plenitude de sentido e alegria; que nos faz não nos sentir sozinhos, que nos faz sentir que nossa vida tem sentido, é valiosa, plena, significativa. Parece que desde os primeiros momentos, o ser humano nunca foi capaz de viver "só de pão"... mas de pão "e de beleza", no sentido mais amplo que se possa imaginar. E é que o novo nível de consciência que emergiu neste primata, com o aparecimento de sua "autoconsciência", tem estas novas e insaciáveis exigências. Agora, sem "sentido", este novo primata não pode subsistir; tem que encontrá-lo, e - também aqui - se não o encontra, inventa-o, imagina-o, pensa que pode adivinhá-lo, ou o encontra "revelado"... E se não, desespera e tira sua própria vida: sem sentido, a vida se torna insuportável, literalmente impossível. Precisa de sentido para viver... e de um sentido tão forte... que até serve para morrer por ele; não é mais um animal que tenta simplesmente sobreviver, mas sobreviver naquele plano exigente que é o do sentido e da emoção interior. Estas são as consequências de ser um animal com autoconsciência, único neste nível de evolução.

Os primatas, nossos ancestrais, sempre tiveram sua "consciência", como os animais desenvolvidos, mas não a "autoconsciência". Eles viveram sem explicação ou sentido, levados apenas a sobreviver, na imensa competição da luta pela vida, sem necessidades "subjetivas" cognitivo-afetivas e de inteligência. Com o surgimento da autoconsciência surge todo um novo leque de necessidades, sentimentos, nostalgias infinitas, cavernas do coração... que ansiosamente exigem ser saciadas... Esta autoconsciência encontra um vazio de sentido, no qual o primata sempre viveu em paz, do qual ele nem mesmo tinha consciência. Com a nova inteligência, esta autoconsciência exige, reclama, toma consciência, entra em angústia, busca, aguça seus numerosos sentidos... Muitas teorias antropológicas têm-se orientado por esta veia para

explicar a "natureza" humana, o significado, a natureza da necessidade do fenômeno da religiosidade ou religião¹⁰.

Religiosidade

A evolução deste primata parece mostrar claramente uma mudança no eixo de acumulação evolutiva. Ela não ganha força para seus ancestrais, não é mais robusta nem mais assustadora por causa de suas presas¹¹, nem por causa de suas garras, nem por causa de seu focinho, mesmo em nossa espécie ela se torna "o macaco nu". Comparativamente, ela nasce "inacabada", indefesa, totalmente incapaz de sobreviver. O bezerro, logo após o nascimento, é capaz de se levantar e erguer a cabeça para procurar o úbere de sua mãe. Nós temos que rastejar por um ano para poder nos levantar. A gestação humana mudou seu eixo e privilegiou o cérebro, que, no entanto, nascerá sem completar uma gestação suficiente, que deve ser completada em sua maturação com a ajuda da língua e da cultura. Aí surgem todas essas questões da juvenilização da espécie humana, do componente cultural e linguístico do *homo sapiens*. Esta curiosa forma de gestação aparentemente incompleta, faz do *homo sapiens* uma espécie caracterizada por sua indeterminação, por sua falta de fixação para um habitat concreto, e por sua flexibilidade para ser completada com a cultura em mil formas diversas, o que cria uma estratégia peculiar de sobrevivência, baseada na compensação de suas deficiências.

Os bio-antropólogos sugerem que esta é a origem da impressionante capacidade humana de imaginação, de criatividade, "de ver o que não está lá, o que não é dado". Sua capacidade de simbolizar e de ver algumas coisas como outras (metáfora), de colocar ordem na desordem, de assumir o não-sentido para conjurá-la, transpondo-a em imagens, em palavras, em conceitos: em suma, sua capacidade de interpretação, que foi reconhecida por Heidegger e Gadamer como o 'modo de ser' do ser humano¹².

Juan Luis Arsuaga afirma que o que caracteriza o ser humano é que "eles viram coisas que não existem e acreditaram em realidades baseadas em mitos que não são

¹⁰ Ninguém sabe realmente o que é religião, pelo menos, ninguém ainda conseguiu satisfazer os outros com uma explicação convincente. Ver: Robert CRAWFORD, *O que é religião?*, Vozes, Petrópolis 2005. *What is religion?*, Routledge, NY e London 2002, cap. 1.

¹¹ Precisamente nosso gênero diminuiu o tamanho das presas herdadas. Juan Luis ARSUAGA, Evolución del tamaño de los dientes y el cerebro en nuestros antepasados: <https://tinyurl.com/yd8x3tdm>

¹² Sigo aqui especialmente de perto Michael MARDER e Luis GARAGALZA, *Evolución, inadaptação y patología creativa*, em BERMEJO, *Pensar después de Darwin. Ciencia filosofía y teología en diálogo*, Comillas-Sal Terrae, 2014, p. 106-128; aqui: 119.

verdadeiros, e atribuíram qualidades humanas aos animais". De alguma forma, eles tornaram a natureza sagrada. Acreditar nessa ilusão nos tornou do jeito que somos"¹³.

A realidade resiste: não sabemos nada sobre ela, nem pode ser explicada. Mas, para nós, é preciso explicá-la: desdobrar sua interioridade, suas causas, seus procedimentos, sua natureza, a fim de compreendê-la, e assim compreender a nós mesmos, "saber onde estamos" - um elemento essencial de nossa própria natureza. O "novo" primata que somos, recém-saído da escuridão da ignorância, nu de ferramentas físicas e mentais, passará um longo período de sua primeira existência lançando as bases, tanto para sua sobrevivência como para o desenvolvimento de sua vantagem comparativa. As experiências do ser humano na conquista da comida, do fogo, das primeiras ferramentas de pedra (Paleolítico), assim como a conquista da linguagem, do pensamento, dos primeiros começos culturais... permanecem na noite do tempo. Mas com o tempo, nossa espécie tem sido bem sucedida: com tais faculdades criativas e imaginativas, baseadas em esforço e tempo, nossa espécie acabará dominando o mundo, para explicar o aparentemente inexplicável, e pondo inclusive em perigo a própria viabilidade da Vida no planeta.

Mas não sabemos bem como foram os primórdios. Vamos ver.

Recuperando nossa aventura espiritual

Parece que nos últimos 70.000 anos de nossa existência como espécie¹⁴, datados arqueologicamente, exibimos um comportamento muito bem acomodado e adaptado ao nosso planeta (O'MURCHU, 1997, p 55). Nos identificamos com ele, o consideramos nossa casa (*oikos*), e nos acomodamos a seus ritmos naturais, aos dos animais, ao permanente e misterioso devir cíclico das estrelas, inalcançáveis e sempre mensageiras... Descobrimo-nos a nós mesmos como parte desta realidade integral total: o céu nada mais era do que a continuação do solo, a parte da terra que não podíamos tocar, nosso teto, nosso abrigo, e cultivamos esta terra (mesmo antes de cultivá-la) com veneração e reverência, esmagados pelo mistério com o qual ela parecia estar coberta. Nenhuma característica de uma dimensão específica, diferencial, distinta, privilegiada, separada, "sagrada", religiosa emergiu no início.... Nada foi designado como "sagrado", porque tudo era sagrado; o conceito nem sequer existia; nada era "religioso", nem

¹³ rtve.es/b/redes/semanal/prg251/entrevista.htm - Ibid.

¹⁴ Entre 200.000 e 300.000 anos, de acordo com a dúvida introduzida pelas últimas descobertas no Norte da África já neste século XXI.

existia esse conceito, que só podia aparecer, ao contrário, quando algo, muito mais tarde, viria a ser considerado "profano", não sagrado.

Por dezenas de milhares de anos, vivemos como se estivéssemos num "ovo cósmico", ou num útero materno, num útero, num holos, num todo unido, misterioso e imponente, admirável e admirado, que nos acolheu como nossa casa, sentiu como tal, e que nos alimentou espiritualmente com a contemplação extasiante que despertou em nós: o santo e divino, holístico, onipresente. Sem dimensões ou coordenadas com as quais marcar seus limites, que não existiam. (É a admiração extasiante da qual Einstein falaria mais tarde).

Naquele clima de sacralidade, naquele mundo sagrado unificado em que demos nossos primeiros passos evolutivos, este *homo sapiens* primata cria a linguagem- ou se reinventa com essa criação-, essa dimensão que possibilita um novo mundo de projeção de si mesmo além da limitada realidade física. Com a linguagem ele recria a realidade, a embala em palavras, a re-expressa em mil formas, a comunica, começa a tratá-la intelectualmente e, como o livro da natureza permanece fechado para ele e não comunica livremente nenhum de seus segredos ou seu significado, o ser humano, sobretudo por meio da ficção, da história, cria o significado que não pôde encontrar, elabora e reelabora, enriquece, aprofunda, compartilha e celebra. O mundo natural é então revestido de significados que evocam símbolos, pensamentos, sentimentos, pertença, identidade, devoção, esperança de um bom futuro, ideias, nomes, símbolos, conceitos, atribuições, valores éticos, valores estéticos, veiculados pelas criações da linguagem. É um *software* cultural que está colaborando para forjar a evolução humana; é essa dimensão cultural que estávamos dizendo que contribui para moldar e amadurecer aquele cérebro humano que é dado à luz sem terminar de configurar...

Sob a influência psíquica daquela noosfera, destacam-se sempre os melhores, aqueles que têm mais capacidade interpretativa, mais visão penetrante, mais senso de intuição profunda... que podem ser o vidente, o xamã, o poeta... que vai adiante, que expressa o que outros intuem, e que, nesse sentido, guia como líder e animador do cultivo e da veneração dessa Realidade sagrada que já envolve o ser humano como uma incipiente noosfera mental, afetiva, inconsciente, subconsciente do grupo (Jung, arquétipos...).

Arqueologia e antropologia cultural, num esforço multidisciplinar, hoje parecem concordar em que durante toda esta primeira etapa do Paleolítico, o início do Neolítico e do mesmo calcolítico (a Idade do Cobre), fomos capazes de evoluir, e de fazê-lo

aparentemente com sucesso, criando uma alma para o coletivo, uma noosfera respirável para os seres humanos, que se sentiram agradecidos em casa, no ventre de uma Realidade global percebida como maternal e fecunda, benevolente e acolhedora, mesmo em nossa jornada de retorno ao seio da terra. Foram décadas milenares, nem românticas nem ideais; foram épocas quase geológicas de deficiência, de pobreza, ou melhor, de miséria, de viver permanentemente assediados em um ambiente hostil, de doenças e morte prematura, de profunda ignorância. A incipiente sensação de sacralidade que o ser humano demonstrou, tão evidente para os pesquisadores de hoje, não pode esconder as limitações, miséria e infortúnios daqueles tempos primitivos. Precisamente esse senso marcante de sacralidade desses nossos antepassados pode ser considerado como um recurso da evolução biológica integral, para fazer essa pequena criatura sobreviver, indefesa e hostil ao meio ambiente. Apesar de suas misérias, podemos considerá-los como milênios luminosos, evolutivamente fecundos, graças àquela onipresente sacralidade global que, inexplicavelmente, o ser humano quase rastejante foi capaz de intuir e experimentar.

Desde muito cedo¹⁵, ou desde o início, temos tratado a Realidade com reverência, com amor, com afeto transcendente, vendo nela mais do que aquilo que é visto fisicamente. Nós o vimos vivo, admirável, frutífero, misterioso, inexplicável, sagrado, transcendente, incompreensível... cheio de Força, de capacidade de regeneração e de Mistério, e nos sentimos movidos de reverência e até mesmo de adoração. Não como uma atitude "religiosa" adicional ou diferente: mas como uma atitude humana integral; e não como diante de uma realidade especial e separada, mas como diante a Realidade total que nos rodeia e envolve, da qual nos sentimos participantes.

Toda esta noosfera de sacralidade - ou, se preferir, de "religiosidade"¹⁶ - não veio de fora, nem caiu de cima. Não foi dada a seres humanos, nem foi encontrada miraculosamente. Ela foi elaborada pelos humanos, com sua criatividade, com sua maneira única de ser, inspirada por sua própria intuição profunda, além do consciente e do inconsciente, talvez a partir do nível profundo da meta-realidade misteriosa que talvez se move dentro, nas profundezas da Realidade cósmica da qual vemos apenas uma parte mínima da superfície de.

Nota importante: até este momento evolutivo que estamos tentando evocar, ou seja, até 7.000/6.000 anos atrás, "theos" não apareceu entre nós, com esse ou qualquer

¹⁵ Não podemos dizer "desde o início", porque não sabemos qual foi o início.

¹⁶ Não, claro, de religiões, que neste período ainda estavam milhares de anos longe de aparecer entre nós.

outro nome¹⁷. Nem deus, nem deusa. Nem a palavra nem o conceito existem. Também não está faltando.

Conceitos ou ideias para lidar com a realidade mediante a linguagem apareceram neste ponto (foram elaborados). A misteriosa vida do ser humano, por exemplo, cujo princípio foi primeiro identificado com sangue, levou mais tarde a pensar que ela é controlada por uma "alma", uma entidade indefinida, mas mais sutil, que manteria o corpo humano vivo; os seres humanos têm uma alma humana? Outros princípios também aparecem, também sutis e esquivos, como gnomos, duendes, daimons, demiurgo, elfos, demônios, fadas... entre misteriosos e mágicos, e uma série interminável de realidades misteriosas cuja embalagem em "palavras" muitas vezes usamos para fingir a nós mesmos que explicamos o que não sabemos.

Portanto, é muito importante perceber que, até onde pensamos saber hoje, em 97% de seu tempo de desenvolvimento evolucionário¹⁸, este *homo sapiens* não encontrou algo/alguém à maneira do que mais tarde chamará de deus, theos, nem sentiu necessidade dele, para viver uma vida bem realizada neste planeta, sabiamente sintonizada com a natureza, e cheia de um senso de sacralidade e religiosidade profunda [não dizemos "religião"]. Na verdade, theos, aparecido há 7.000/6.000 anos é um "recém-chegado", falando em termos geológicos.

O "primeiro" tempo axial

No final do Calcolítico (idade do cobre) a evolução humana passa por uma profunda transformação, um verdadeiro "tempo axial", provavelmente muito mais profundo do que aquele para o qual em meados do último século 20 Karl Jaspers¹⁹ chamou a atenção. Ninguém aventura uma descrição completa desta transformação, nem conhecemos as causas últimas, mas talvez apenas algumas "antepenúltimas". Foi o efeito da revolução agrária? Foi uma espécie de progresso natural no desenvolvimento

¹⁷ Não estou imitando Yuri Gagarin no espaço, quando ele disse que não tinha "visto" Deus lá... Estou me referindo a um fato muito concreto e verificável: que hoje a ciência pensa que sabe que, por este tempo que estamos falando, o *homo sapiens* ainda não elaborou tal ideia.

¹⁸ Mesmo que suponhamos generosamente 300.000 anos de existência para nossa espécie, de acordo com as últimas notícias referidas, ainda a serem confirmadas, 6.000 anos significariam apenas 2% do tempo evolutivo humano (humano só *sapiens*) já coberto.

¹⁹ *Von Ursprung und Ziel der Geschichte*, 1949. Tradução ao inglês: *The Origin and Goal of History*, Yale University Press, 1953, 294pp *Origen y meta de la Historia*, Alianza Editorial, Madrid 1980. E parece que 70 anos antes que Jaspers, Glennie já a havia apresentado, embora sua contribuição não fosse levada em conta, deixando a de Jaspers como se fosse a primeira e a única. Eugene HALTON, *Desde a Era Axial até a Revolução Moral*. John-Stuart Glennie, Karl Jaspers e um novo entendimento da ideia. Palgrave Macmillan, NY 2014.

cognitivo e na capacidade de abstração? Foram as invasões Kurgans, que parecem já ter trazido, das estepes subsiberianas, uma visão arcaica dualista? Muitos autores apontam essas invasões Kurgans como a causa desta transformação, mas seriam uma causa penúltima: a última seria o que levou os povos Kurgans a tal evolução cultural nesta área euro-asiática, que os fez irradiar (exportar, invadir, impor) durante um longo período de cerca de 2000 anos essa nova tão diferente visão espiritual sobre a Realidade? Nem o período nem a área é muito bem estudada, a área da "Velha Europa" na qual os kurgans se projetaram principalmente (GIMBUTAS, 1979); entretanto, todo esse conhecimento ainda está em construção, e não sem controvérsia.

A revolução agrária é considerada por muitos outros estudiosos como a verdadeira causa última; essa revolução seria, para muitos, o momento mais crucial pelo qual nossa espécie passou. Deixamos de ser caçadores-coletores, nômades, e começamos a nos estabelecer e viver juntos em pequenas sociedades, para trabalhar a terra, o que significava que tínhamos que nos reinventar: tínhamos que repensar nossa relação com a natureza (agora de conquista e dominação), a relação de convivência entre nós (agora com regras jurídicas, com obrigações familiares, leis de propriedade, herança, sentido de pertença... enfrentando as tensões da divisão do trabalho e os conflitos de desigualdade econômica e social...). Muitos dizem que esta transformação foi realizada com o apoio de uma nova força que foi então elaborada e socialmente articulada: o que mais tarde se tornaria a tradição religiosa de identidade de cada tribo, a "religião" de cada povo, como elemento de unificação e amálgama e controle da própria sociedade.

Os mais recentes estudos de DNA confirmam a presença da herança genética dos povos "das estepes" (do norte do Mar Negro, sul da Rússia atual), a cultura Yamna (ou Yamnaya), também chamada dos Kurgans, que se expandiu em três grandes ondas bem diferenciadas no tempo, em todas as direções, causando grandes movimentos migratórios. São povos em busca de terras para conquistar seu gado, e vêm com um misticismo muito elaborado, com um deus guerreiro, conquistador, protetor de seu povo contra os outros povos. Um "deus a cavalo", como eles vão, no cavalo que acabaram de domar e que mudou seu mundo; um deus espiritual, do segundo andar; um deus masculino, antípoda espiritual da Mãe Terra; um deus que escolheu aquele povo e o destinou a dominar seus vizinhos, conquistando violentamente as terras de que

necessita, matando com sangue e fogo quem se lhe opuser; um deus "tribal" que fez uma escolha por sua tribo (ARMSTRON, 1995, p. 44).²⁰

Foi por volta dessa época que os mitos da "separação do céu e da terra" surgiram em todo o *continuum* religioso-cultural que constituía a Europa Oriental e o Oriente Próximo. Surge uma nova configuração mental, uma nova concepção da realidade, um novo paradigma profundo, que se espalha e se instala na mentalidade destes povos. É uma mudança de paradigma (do fundamental "proto-paradigma", de fato), que marca uma diferença radical, um antes e um depois: um "tempo de eixo", que devemos chamar de "tempo axial do fim do Calcolítico".

Esses mitos da "separação entre o céu e a terra", que aparecem na Suméria e no Egito, são a imagem emblemática da mudança operada neste tempo axial. Descrito aqui brevemente²¹, apenas esquematicamente, estas seriam as transformações fundamentais envolvidas nele:

- A separação entre o céu e a terra implica a dualização do mundo. A partir de agora existem duas realidades, como "dois andares", dois níveis, muito diferentes. A unidade integral e a totalidade sagrada do "ovo cósmico", do "ventre materno sagrado", do *holos* ou conjunto unido no qual a humanidade viveu durante dezenas de milhares de anos até agora, sumiu. E esta separação foi de fato introduzida com o aparecimento do conceito arcaico de *theos*, o poderoso Senhor do mundo celestial. Sempre que em nossa espiritualidade estamos de alguma forma nos referindo a um segundo andar sobrenatural, estamos mostrando nossa estrutura mental teísta dualista - mesmo que fôssemos ateus.

- Não é uma partição simétrica, mas radicalmente desigual. Elas são duas partes opostas da natureza; verdadeiramente, são dois mundos, contíguos, mas infinitamente distantes em sua natureza: terra e céu. Dois mundos axiologicamente opostos. Sempre que nos expressamos a favor da inatingível pureza ou "santidade" das coisas acima, ou

²⁰ Karem ARMSTRONG, falando do deus que tirou os israelitas do Egito, descreve-o da seguinte forma: "Este é um Deus feroz, parcial, assassino: um Deus guerreiro a quem chamarão Yahweh Sebaoth, Deus dos exércitos. Ele é apaixonadamente partidário; ele não tem compaixão por ninguém além de seus próprios favoritos; ele é simplesmente uma divindade tribal". Esta forma de imaginar Deus não foi uma revelação, nem uma invenção israelita.

A propósito, como este livro se concentra nos últimos 4000 anos, ele permanece dentro da caixa teísta, renunciando à luz essencial derramada pelos 2000 anos anteriores, que viram a origem, o aparecimento de *theos*.

²¹ Refiro-me ao estudo *Humans, Nature God*, onde exponho estas mudanças com mais detalhes, em josemariavigil.academia.edu.

do mal inato das realidades abaixo, ou da purificação que implicaria afastar-se deste mundo da natureza, estamos sendo teístas dualistas.

- Eles são dois mundos, com uma profunda diferença hierárquica. O piso superior não só é superior em posição, mas também em valor e em seu próprio ser, com uma diferença abismal, tanto axiologicamente como onticamente. Somente o ser divino é; os outros seres não são, mas são graciosamente e misericordiosamente mantidos no ser pelo Ser Supremo. Sem qualquer "autonomia"; eles são absolutamente "heterônomos"²²; eles são mesmo mantidos unilateralmente pelo Ser Supremo, sujeitos a seu desenho arcano e imprevisível. Na realidade, pode-se dizer que ser, o que se diz verdadeiramente ser, somente o SER Supremo É. O resto não é, mas depende apenas do Ser Supremo. O que, a rigor, não deveríamos chamar de dualismo, mas "dualismo monista", um dualismo aparente, que no fundo é monopolar, um "monismo do Ser" desdobrado como em dois andares.

- O andar inferior é aquele em que nós humanos nos movemos desde o início de nossos tempos, mas que agora - como se estivéssemos tirando uma venda dos olhos - passamos a ver como um mundo material, feito de "matéria" (a parte pior da realidade), inferior em todos os sentidos da palavra, "pro-fano" (pela primeira vez esta categoria de pensamento aparece, e aparece porque, simultaneamente, o sagrado aparece seletivamente localizado. Antes, tudo era sagrado, portanto não havia nada que localizasse a sacralidade, que a delimitasse, que a segurasse exclusivamente). Sempre que para experimentar o sagrado precisamos nos isolar em um recinto construído, não natural; sempre que a natureza a consideramos neutra, profana, religiosamente irrelevante... continuamos sendo devedores daquela dessacralização e profanação que o teísmo realizou sobre a realidade cósmica, para concentrar toda a sacralidade na Entidade Suprema do mundo sobrenatural superior paralelo ao nosso.

- O segundo andar, recentemente surgido, surge como a residência de um inquilino principal, a Entidade suprema, theos, que é - esta categoria aparece agora - "espiritual", ou seja, não-material, in-material, "in-visível", espírito puro, antinatural, super-natural e, além disso, supremamente inteligente. Nos mitos da separação do céu e da terra aparece imediatamente aquele ser superior, espiritual, supremamente inteligente, todo-poderoso, que cria tudo pelo mero pensamento, e o chama à existência

²² Esta dimensão da "heteronomia" será um dos eixos fundamentais da rebelião da Modernidade, nos séculos XVII-XVIII. É também o fio condutor do livro de Roger LENAERS, *Outro Cristianismo é Possível*. Paulus, São Paulo 2010.

por sua palavra criativa, e também, com a rapidez imediata de sua vontade, cura, castiga, intervém neste mundo. Sempre que, em nossa espiritualidade, especialmente em nossa oração, pensamos em favor, ajuda urgente, proteção preventiva, mão auxiliadora superior, ou necessidade de oferecer sacrifícios e apresentar ofertas e orações, estamos no esquema teísta.

- Nesta nova realidade cósmica, dualizada, o ser humano não vai acabar completamente infeliz. Como é ele quem está elaborando esta nova cosmovisão dividida, ele acabará se auto-atribuindo uma participação no segundo andar. É verdade que ele está neste mundo de matéria e carne, profano e pecador, mas o ser humano não quer se reconhecer simplesmente como natureza: ele começa a pensar que participa de alguma forma da natureza de *theos*... O ser humano mesmo é dualizado: metade natureza, metade sobrenatural; metade material terrestre, metade espiritual divino. Ele acabará pensando que não é verdadeiramente terreno, mas essencialmente sobrenatural. Ele é sua "alma" (à imagem e semelhança de Deus), e por isso é um cidadão do céu, um estranho neste mundo, em estado de peregrino, que não deve se apegar a este mundo, mas sempre olhar para a pátria divina celestial, para as coisas acima.... Ele acabará pensando que o mais essencial em si não é sua naturalidade, mas seu sobrenaturalismo: como diz uma frase atribuída a Teilhard de Chardin: "Não somos seres materiais vivendo uma experiência espiritual, mas seres espirituais vivendo uma experiência material"... ²³.

- Esta mudança de status, de posição dentro do paradigma cosmovisional (abaixo o mundo natural material profano; acima o *theos* espiritual sobrenatural supremamente inteligente e puramente sobrenatural... e no meio um ser humano pertencente à esfera sobrenatural mas misteriosamente engendrado no mundo natural profano), trará uma consequência muito séria: a partir do aparecimento do novo inquilino desse segundo andar recentemente construído acima de nós no esquema cósmico mental, o ser humano não mais se entenderá a si mesmo como parte da natureza, como ele se sentiu até agora enquanto viveu no ovo paleolítico cósmico, naquela natureza toda divina e sagrada da qual ele fez parte, sem nenhum segundo andar. Agora não é mais natural: não é mais natureza, mas superior à natureza. É verdade que ele "carrega" um corpo material-carnal, mas seu verdadeiro eu é uma alma espiritual, e é desta alma que ele verdadeiramente cuidará. O ser humano não mais se sente um ser natural, ele não vê

²³ eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Modernity-without-2-floors.

mais a Natureza como sua Mãe, como o ventre que o gerou, mas como um cosmos profano, material, carnal, tentador... que ele despreza (*contemptus mundi*), do qual seria melhor estar longe, fugir se possível (*fuga mundi*). Acabamos de cortar as raízes que nos prendem à natureza²⁴.

- E mais: porque agora ele participa do caráter sobrenatural de Deus, através de sua alma espiritual, o ser humano não só não se sente parte da natureza, mas se separa dela, acima dela, e domina ela. "Tenham domínio sobre a terra", dirá mais tarde a Bíblia que Deus lhes disse. O teísmo coloca a natureza a serviço do ser humano. Este virá a considerá-la como uma natureza feminina que deve ser dominada e violada para extrair seus frutos e segredos (Francis Bacon). Assim, a partir daquela Realidade circular do ovo cósmico ou útero materno dos tempos pré-teístas, o teísmo reconfigura a Realidade para torná-la agora "triangular" (novo paradigma antro-po-teo-cósmico²⁵): theos acima, a natureza abaixo de um lado, e no outro vértice, o ser humano, um pouco elevado em direção a Teos. A divisão e fragmentação do cosmos foi consumada: defenestração da natureza de sua condição sagrada, separação do ser humano a respeito da natureza, e a entronização do ser humano como mestre (não tanto como membro) da natureza. Este é o grande drama da fragmentação anti-ecológica da visão do mundo humano, provocada pelo aparecimento de theos. É também provavelmente a razão da orientação anti-ecológica das civilizações inspiradas pelas religiões e espiritualidades teístas - e monoteístas, *a fortiori*.

- Atenção: o theos que surge no segundo andar é, pela primeira vez em nossa história espiritual, masculino. A sagrada maternidade feminina da Realidade desapareceu. Os valores "masculinos" de força, poder, imposição, suposta racionalidade, dominação da natureza (feminina) são os principais valores do novo theos aparecido. O homem vem a ser considerado privilegiado como "imagem e semelhança de Deus", digno de representá-lo, de administrar coisas sagradas, enquanto a mulher é considerada incapaz disso, impura, menos inteligente, inconstante e imprevisível como a natureza e a carne... Sempre que nosso coração espiritual sente que o masculino está mais próximo do sagrado, e a mulher não é tão digna, ainda arrastamos

²⁴ "O mundo não é um problema que anda por aí, a ser resolvido; ele é um ser vivo, ao qual pertencemos. O mundo faz parte de nosso ser e nós fazemos parte de sua sofrida integralidade. Até irmos à raiz de nossa imagem de separação, não pode haver cura. E a parte mais profunda de nossa separação da Natureza está no esquecimento de sua identidade sagrada, que é também nossa própria natureza sagrada" (VAUGHAN-LEE 2017: 25-26).

²⁵ VIGIL, *Natureza, Humanos, Deus*, ibidem.

as consequências daquela virada do paradigma de gênero que ocorreu precisamente com o advento do modelo theos, no final do Calcolítico.

- Theos também é Senhor, Todo-Poderoso, e será chamado Kyrios. O principal requisito dele é manter sua honra e glória no máximo (o lema *ad maiorem Dei gloriam*, expressa perfeitamente a essência da relação do ser humano com esse novo theos). Theos pede adoração, prostração, ajoelhamento... As religiões colocaram o ser humano de joelhos: a submissão total é a nova essência religiosa. Esta concepção, de um theos que compete com a humanidade por princípio, é inaceitável para a modernidade consciente dos direitos e da dignidade do ser humano. Sempre que insistimos na submissão, na fé cega ante os dogmas decididos pela instituição religiosa autoproclamada como representante de theos, sempre que fazemos da religiosidade submissão, arrastamos genes teísticos.

- Sempre que em nossa intimidade espiritual estamos pensando, nos dirigindo a, supondo um Tu Supremo, um *Alter*, um Outro Supremo... sempre que essa "alteridade" entre mim, ou nós, e esse Ser Supremo ocorre, estamos no esquema teísta. Só superamos o teísmo quando vamos descobrindo e fazemos nossa a convicção de que o sagrado, a divindade, não estão fora, não são *alter*, não são qualidades expatriadas para um andar superior, mas que habitam e por isso "emergem" neste mesmo – e único! – andar: a Realidade. Isto é, quando não há um Tu sagrado supremo, quando o sagrado nos abraça e nos permeia de tal forma, que Tudo é, todos nós somos, sagrados. Quando a sacralidade é tão íntima e profunda na Realidade que não posso considerá-la em alteridade, nem mesmo em segunda pessoa, mas na identidade, na identificação, posso dizer: Você é Isto²⁶, e eu também sou! A alteridade da sacralidade é uma característica essencial do teísmo.

É importante perceber a profunda mudança de coordenadas, a mudança de paradigma, com a qual a humanidade transforma, no decorrer de um tempo relativamente curto, sua visão da realidade, com a irrupção do modelo theos. É evidente –mesmo de passagem– que tudo isso é uma simplificação, pois estamos esquematizando a elaboração de uma figura eurística, de um "modelo", que ainda é uma abstração... Na realidade concreta tudo é mais complexo, porque coexiste com muitas outras dimensões: o animismo anterior, que persiste e nada tem a ver com theos; a influência e a penetração das religiões orientais, paradigmaticamente diferentes; a corrente singular

²⁶ À maneira de NISAGARDATTA: 'I'm that', eu sou isso, Acorn Press, Carolina do Norte 1973.

das religiões dos mistérios, que colocam seu acento menos sobre theos e mais sobre a experiência espiritual sobre tudo pessoal; a atração irresistível da magia, do misticismo, das superstições, etc.

- A partir desta transformação, as coordenadas mudaram: a humanidade não vive mais em um ovo cósmico, em um todo indiviso e sagrado (*holos*), mas em dois níveis. O mundo foi dualizado e dividido.

- A matéria, a profanidade, o feminino, permanece no nível inferior, no submundo, como um recanto para o qual eles estão agora relegados. O desprezo da matéria, da carne e do feminino, a fuga do mundo, a obsessão por uma salvação celestial pós-terrestre, têm plena entrada e cidadania na nova cosmovisão.

- E o espírito, o espiritual, o sobrenatural, o não-natural, que é ao mesmo tempo o mais inteligente, e a fonte de todo poder, migram para sua própria casa, para o mundo acima, o céu profundo onde Deus reina, masculino por sinal. Espiritualismo, patriarcalismo, pureza, fuga do mundo, da matéria, da carne... e desvalorização e submissão da mulher, são consequências lógicas que brotam das entranhas dessa nova visão do mundo.

Este dualismo invadiu tudo: não apenas cosmologia (céu e terra), mas ontologia (o Ser *a se*, e o ser meramente por participação, heterônimo e contingente), antropologia (um corpo meramente material e carnal, e uma alma espiritual sede de inteligência), e a visão global soteriocêntrica da realidade (este mundo terrestre natural, pecaminoso e perecível, e o céu, o outro mundo divino, pátria definitiva para a qual fazemos nossa peregrinação, protegendo-nos deste mundo terreno e traiçoeiro do qual nos esforçamos para fugir).

Esta é a nova estrutura cosmovisional do ser humano no final deste talvez "primeiro tempo axial" que a humanidade viveu, o que, nos parece, é muito mais radical daquele que Karl Jaspers destacou, e que ocorreria vários milênios depois.

E atenção, se há uma peça central nesta transformação cosmovisional, é a de Deus, o Júpiter tonante do segundo andar. Deus funciona ali como a referência absoluta que sustenta todo o edifício, como a pedra-chave que sustenta a abóbada. Toda essa arquitetura de percepção e pensamento postula a presença de um inquilino supremo que a habita e lhe dá sentido. E vice-versa: se um Espírito supremamente inteligente, poderoso e único é reconhecido, é impossível não acomodar nossa cabeça àquela nova arquitetura dualista e monística paradigmática que ela implica.

É por isso que a questão de Deus - theos, como os gregos que herdaram o conceito o chamaram mais tarde - não é "uma" questão local, mas "a" questão, o centro que, se ativado, necessariamente realoca tudo o resto com seu magnetismo, pondo-o a seu próprio serviço. "Deus é a metáfora central da visão do mundo no Ocidente" (McFAGUE 1987, p.77). E as famosas palavras de Martin Buber: "A palavra 'Deus' é a mais carregada de todas as palavras humanas"²⁷. A partir deste momento histórico (infelizmente pré-histórico), abre-se uma etapa na história, caracterizada por ser uma aventura interminável "ao redor de Deus"²⁸.

Pós-Calcolítico

Uma vez ultrapassado o limiar desta transformação radical, as exigências e necessidades da autoconsciência do ser humano entram em outras coordenadas sobre as quais ele pode implantar e lançar sua criatividade: um cenário totalmente novo (devido a um paradigma básico, ou proto-paradigma, radicalmente novo). Agora, "seres espirituais" - não naturais, sobrenaturais, anti-mundanos em princípio - proliferam na noosfera particular de cada povo, de cada cultura, mesmo que continuem a se desenvolver dentro de padrões comuns em áreas geográficas-culturais muito amplas. Desde o final do século XX, é voz comum entre antropólogos, paleontólogos e arqueólogos que toda a região da Europa e do Oriente Próximo, formam um *continuum* religioso-cultural, que faz com que suas elaborações religiosas, seus textos, suas Escrituras, seus ritos, suas divindades... pertençam a um universo religioso comum²⁹. Muitas divindades são encontradas na maioria dos povos, com características semelhantes e mesmo com os mesmos nomes; muitas delas se misturam e "contaminam" umas às outras, assumindo e compartilhando as características das

²⁷ M. BUBER, *Gottesfinsternis*, em *Werke*, I, Munique 1962, 509.

²⁸ ZHRNT, Heinz, *A vueltas con Dios. La teología protestante en el siglo XX*. Ed. Hechos y Dichos, Zaragoza 1972.

²⁹ Outros paralelos podem ser traçados em vários campos, especialmente na religião. As pesquisas bíblicas atuais, especialmente desde a década de [19]70 - depois de ter considerado a religião de Israel durante séculos como fundamentalmente distinta de outras religiões por ser uma revelação divina - tendem a reconhecer praticamente por unanimidade que um estudo profundo desta religião não é possível sem atender à estrutura cultural na qual ela está inserida, ou seja, à esfera das culturas do Antigo Oriente Médio no sentido amplo, incluindo a Anatólia. Em particular, o surgimento relativamente tardio do monoteísmo no Israel antigo, que se teria desenvolvido gradualmente em um contexto semítico noroeste e graças a impulsos decisivos das religiões vizinhas, está se tornando cada vez mais evidente. GARCÍA TRABAZO, José Virgilio, *Textos religiosos hititas. Mitos, plegarias y rituales*. Trotta, Madri 2002, p. 46.

divindades vizinhas. Trata-se de um processo que conhecemos hoje com provas datadas³⁰.

A ebulição que ocorre neste momento na autoconsciência humana, suas nostalgias profundas e indefiníveis, suas questões existenciais, suas buscas mais sinceras e sem resposta... tudo se expressa em suas exuberantes criações religiosas. Os deuses proliferam (DEL OLMO, 2002) em toda esta região que escolhemos como um estudo de caso. Já no "alvorecer da história" - que se diz ter começado na Suméria -, naquele cenário da Mesopotâmia onde os primeiros impérios e civilizações começam a surgir e a passar, vemos milhares de deuses e deusas emergindo, e registramos seus nomes, suas impressionantes "personalidades", os ritos com os quais eram adorados, os textos sagrados dos sacrifícios que lhes eram oferecidos, e as "Escrituras" que esses deuses revelavam aos seus povos. Somos a humanidade que, no auge de nossa geração, goza do privilégio inimaginável de ter sido capaz de refazer seus passos, de olhar para trás, para seu passado, que foi totalmente esquecido e desconhecido por milhares de anos, e que hoje estamos recuperando e reconhecendo muito claramente. Descobrimos e recompusemos um grande corpo de idiomas (perdidos) da época; descobrimos dezenas de milhares de documentos, tabuletas de barro³¹ acima de tudo, bibliotecas inteiras³², arquivos de palácios reais, arquivos diplomáticos estaduais³³, até alfabetos³⁴ para facilitar nossa tarefa.... e nós os estudamos (e continuamos a estudá-los), trazendo à luz nosso próprio passado, recuperando nossa própria história, às vezes descobrindo que um rito ou texto que pensávamos ser muito "nosso", pertence a outra família, tem outra origem, ou talvez tenha sido inspirado por outra fonte anterior, ou simplesmente copiado e transferido. A religiosidade dos povos que nos precederam - de quem descendemos - não é apenas todo um *continuum* como já dissemos, mas é o mesmo filão religioso humano, a mesma noosfera espiritual, onde tudo está em comunicação com quase tudo, onde tudo se encontra, se liga, se fecunda mutuamente, onde tudo reage com tudo e torna possível a maior efervescência criativa religiosa imaginável.

³⁰ Ibid., p. 35.

³¹ Edward CHIERA, *They Wrote On Clay. The Babilonian tablets speak today*. Eles Escreveram Sobre Barro. As pastilhas babilônicas falam hoje. University Chicago Press, Chicago & London 1966, original de 1938.

³² Del OLMO, Gregorio, Les Bibliothèques de L'Antiquité, de la Chrétienté et du Judaïsme, in "Studia Monástica" vol 49/2 (2007) 377-401.

³³ Tel El Amarna, no Egito. MORAN, William, *The Amarna Letters*, Johns Hopkins University, 1992 (original 1987, *Les Lettres de El'Amarna*, Cerf, Paris 1987), 441 pp.

³⁴ Em Ugarit, por exemplo, YON, Marguerite, *The City of UGARIT em Tell Ras Shamra*. Eisenbrauns 2006, cap. 3, pp. 123ff.

Limitações e erros

Também conhecemos as limitações desta religiosidade desenfreada e entusiástica. Sabemos até certo ponto que capacidades eurísticas esses povos tinham (e quais não tinham), suas incipientes artes de raciocínio, o rigor e/ou falta de rigor de suas concepções e argumentos, o papel fundamental da criatividade, o sentido supremamente narrativo imaginativo... das "intuições" religiosas desses povos, nossos antepassados na religiosidade, de cujas intuições e criações vemos hoje vestígios em nossa religiosidade (e até mesmo irreligiosidade).

Conhecemos o mecanismo epistemológico inconsciente que a noosfera humana tem para exercer seu controle sobre o grupo social que a compartilha, que consiste na atribuição a Deus de nossas próprias criações. Hamurabi já tinha se representado na parte superior da estela de seu Código, na atitude de recebê-lo da Divindade. De Moisés não nos é dito que ele "ditou" os Dez Mandamentos, mas que milagrosamente os recebeu nas duas tábuas de pedra, dadas pelo próprio Deus. Em todas as religiões - em todas as sociedades - encontramos o mesmo procedimento: são os deuses criados por nós que nos ditam a mensagem que colocamos em suas bocas. É um mecanismo sócio-religioso conhecido na antropologia cultural: a atribuição a Deus é a forma (daquele tempo) de selar, de revestir de autoridade, de "absolutizar", portanto, até mesmo as regras de conduta que estabelecemos para nossa sociedade. Não é uma característica de nenhuma religião: é um mecanismo social do universal religioso. E é muito lógico e óbvio, embora até recentemente tenha passado despercebido.

Hoje, quando já perdemos aquela inocência, ingenuidade ou credulidade religiosa, graças à qual de tempo em tempo os sacerdotes podem nos ler novas "palavras de Deus", nós não podemos deixar de ler com compreensão benevolente aquela linguagem autoritária, absoluta, indubitável, dogmática e quase apodíctica da maioria das Escrituras religiosas dos povos. É uma limitação à qual não podemos fechar nossos olhos hoje.

E também conhecemos todo um lado reverso da história da religiosidade. Junto com as alturas incríveis e sublimes da intuição religiosa, também conhecemos a imensa quantidade de práticas que hoje nos parecem não só incompreensíveis, mas absurdas e inaceitáveis: práticas mágicas, a mântica, a fácil credulidade para reconhecer a presença de prodígios divinos em toda parte, os oráculos divinos prontamente disponíveis ao

público, as curas por demanda religiosa, a adivinhação, a extispição³⁵, a hepatoscopia, a lecanomância, a astrologia, a interpretação reveladora dos sonhos³⁶... E sabemos que as condições epistemológicas dos grupos humanos capazes de realizar fervorosamente estas práticas místicas milenares são as mesmas que têm quando praticam a reflexão religiosa, a oração à divindade, suas invocações e sua observância moral...

Isso, tudo isso, está lá. Não é especulação. É mostrado e atestado pela arqueologia, tanto física quanto cognitiva. E nós viemos de lá, de tudo isso. Mesmo que o ignorávamos, mesmo que continuemos a ignorá-lo, mesmo que não gostemos de conhecê-lo ou de olhar para isso. Mas é somente levando isso em conta e começando sempre de novo a partir desta base, que poderemos refletir na altura das exigências deste momento da história. Uma reflexão que fale de "deus" ignorando todas essas perspectivas, não será mais escutada por aqueles que se sentem membros da atual sociedade do conhecimento.

Continua no próximo número

Bibliografia:

- ARMSTRON, Karen, *A History of God. 4000 años de búsqueda en el judaísmo, el cristianismo y el islam*, Paidós Internacional 1995, 521 pp
- BARING, Anne, CASHFORD, Jules, *The Myth of the Goddess*. Viking 1991 England. *El mito de la diosa*, Siruela, Madrid 1991, 851 pp
- BECKING, Bob (ed.), *One Only God? Monotheism in Ancient Israel and the veneration of Goddess Asherah*. Sheffield Academic Press, NY 2001, 234 pp
- BELLAH, Robert, *Religion in Human Evolution. From the Paleolithic, to axial age*. Harward University Press, Cambridge USA, 2011, 777 pp
- CUPITT, Don, *After God*, BasicBooks, HarperCollins, NY 1997, p. 62.
- DEL OLMO, Gregorio, *De los 1.000 y más dioses al Dios único. Cuantificación de los panteones orientales: de Egipto a Cartago*. In: Actas II Congreso Internacional del Mundo Púnico. Cartagena, 6-9 abril 2000. In: revista «Estudios Orientales» nº 5-6 (2001-2002) 19-32.
- DEVER, William, *Did God Have a Wife? Archaeology and folk religion in Ancient Israel*. Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, USA, 2005, 361 pp
- EATWOT (Ecumenical Association of Third World Theologians), *The New Biblical Archaeological Paradigm*. In VOICES Theological Journal, 2015-3&4, multilingual issue, freely digitally available at eatwot.net/VOICES

³⁵ Extispição: o exame das vísceras dos animais sacrificados para "ler" nelas a revelação da vontade dos deuses, é uma prática profusamente praticada pelos povos da região, não apenas em nível popular, mas com toda a solenidade oficial em nível real ou estatal.

³⁶ Mircea ELIADE, *Tratado de história das religiões*, Martins Fontes, 250pp. *Historia de las creencias religiosas*, vol. 1, Paidós, México 1978, p. 120-121.

EATWOT, *Deep Ecology Spirituality*, monographic multilingual issue, VOICES 2014–2&3, freely digitally available at eatwot.net/VOICES

EISLER, Riane, *The Chalice and the Blade. Our History, our Future*. HarperCollins 1995.

FINKELSTEIN, Israel, *The Bible Unearthed. Archaeology's New Vision on Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. Simon & Shuster, London, NY, Sydney, 2001, 385 pp

GIMBUTAS, M., *Bronze Age Cultures in Central and Easter Europe*, Mouton & Co., Paris-London 1965, 780 pp

GIMBUTAS, Marija, *The three waves of the kurgan people into Old Europe, 4500-2500 B.C.*, «Archives suisses d'antropologie générale 43/2 (1979) 113-117.

GIMBUTAS, M., *Diosas y dioses de la Vieja Europa (7000-3500 a.C.)*, Siruela, Madrid, 2014,

HALTON, Eugene, *From the Axial Age to the Moral Revolution. Stuart-Glennie, Jaspers & a New Understanding of the Idea*. Palgrave-Macmillan, 2014, 160 pp

HUXLEY, Julian, *Religión sin Revelación*, Editorial Sudamericana, BsAs, 1967, 296 pp

KATONA, A.L., *Proto-Greeks and the Kurgan Theory*, «The Journal of Indo-European Studies» 28 / 1-2 (Spring-Summer 2000) 65-100.

KAUFFMANN, Stuart, *Reinventing the Sacred, New View of Science, Reason & Religion*, Basic Books, 2008, 324 pp

KAUFFMANN, S., *At home in the Universe*, Oxford University Press, 1995.

KEARNEY, Richard, *Anatheism. Returning to God after God*. Columbia Univ. Press, NY 2010, 271 pp

KOMOROCZY, G., *The Separation of Sky and Earth. The cycle of Kumarbi and the Myths of Cosmogony in Mesopotamia*. «Acta Antiqua». Academiae Scientiarum Hungaricae XXI (1973) 21-46, Budapest.

LENAERS, R., *Viver em Deus sem deus. Paulus, São Paulo, 2014, 280pp Aunque no haya un Dios ahí arriba. Vivir en Dios sin dios*. Colección Tiempo Axial 16, Abyayala, Quito 2013, 214 pp

LENAERS, Roger, *El no teísmo, como último paso*. RELaT 430, servicioskoinonia.org/relat/430.htm

McFAGUE, Sally, *Models of God*, Fortress Press, Philadelphia, 1987.

O'MURCHU, Diarmuid, *Reclaiming Spirituality. A new spiritual framework for today's world*. Crossroad NY 1999, 197 pp

REICH, David, *Who We Are and How We Got Here. Ancient DNA and the new science of the human past*. Oxford University Press, Oxford UK 2018. 368 pp

RIES, Julien (coord.), BOYER, GIMBUTAS et alii, *El hombre indoeuropeo y lo sagrado*, Trotta, Madrid 1995, 367 pp

RÖMER, Thomas, *L'invention de Dieu*, Seuil, Paris, 2014, 340 pp

SPONG, John Shelby, *A New Christianity for a New World. Why Traditional Faith is Dying & How a New Faith is being born*. HarperCollings 2002 New York. Edição brasileira: *Um cristianismo novo para um mundo novo. A fé além dos dogmas*. Verus,

Campinas 2001, 274 pp

SPONG, J.S., *Twelve Theses on Theism. Call for a New Reformation*, in Latin American Agenda'2011, p. 227; and in «Horizonte», PUC-Minas, vol. 13, no. 37, Jan./Mar. 2015 – Dossiê: Paradigma Pós-religional (Número especial):

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n37p112>

STAUDACHER, W., *Die Trennung von Himmel und Erde*, Tübingen 1942.

VAUGHAN-LEE, LI. (ed) et alii, *Écologie Spirituel*, Mille et une vies, Montreal 2017, 375 pp

VIGIL, José María, *Théisme : modèle utile, mais pas absolu pour « imaginer » Dieu*. Agenda Latinoamericana'2011, p. 142-143.

VIGIL, José María, *Humans, Nature and God. 2.0. Renewing the Central Paradigm of our Worldview. In post-Vatican II theological way*, em: eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL

VIGIL, JM., *The New Biblical Archaeological Paradigm*. VOICES 2015-3&4. (Full issue, número completo), em: eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Nueva-Arqueología

VIGIL, JM., *También Yavé bajo el nuevo paradigma arqueológico-bíblico*, en: eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Nueva-Arqueología

VIGIL, JM., *A New Vision and a New Spirituality, to Face the Coming Climate Catastrophe*, at: eatwot.academia.edu/JoséMaríaVIGIL/Ecocentrismo